

# Editorial

Armindo Bião<sup>1</sup>

## Largando o osso<sup>2</sup>

Somente no dia em que a traição não ferir o traído ou a tradição, mas despertar ambos para novas possibilidades que se descortinam através dela, surgirá um mundo muito além da tolerância – um mundo de apreciação. (BONDER, 1998, p. 124)<sup>3</sup>

Por mim, eu não largaria o osso tão cedo. Até porque é da natureza do cachorro vivo, mesmo velho, mantê-lo bem perto de si. E eu nem sou tão velho assim. Ainda me faltam mais de sete anos para, por exemplo, uma aposentadoria compulsória de funcionário público brasileiro. Também é fato que, há um tempo equivalente, eu me aposentei da UFBA, mas não larguei seu osso. E acho que, mesmo com projetos previstos apenas até 2016, talvez, jamais o abandone... Mas, aqui e agora, largo uma parte desse osso, a de editor responsável de “Repertório Teatro & Dança”. Por que me aposentei tão cedo?

---

<sup>1</sup> Professor titular da UFBA e Pesquisador do CNPq, de artes do espetáculo.

<sup>2</sup> Alusão a comentário afetuoso de colega, na abertura do ano letivo de 2012, dirigido pessoalmente a mim, que acabara de ser apresentado como professor de metodologia da pesquisa para todos os calouros do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA no semestre 2012.1 e seu primeiro coordenador (1997/ 2003).

<sup>3</sup> Em janeiro de 2012, graças a convite que recebi através de Deolinda Vilhena, testemunhei o ansiado e premiado espetáculo de Clarice Niskier, baseado nesse livro. O espetáculo e, depois, o livro me têm muito inspirado, como se pode perceber neste texto.

## A traição da traição

Aposentei-me em 2004, abrindo mão (graças ao justo e pertinente fator previdenciário já então vigente), para o resto da vida, de 20% de meu salário integral de professor titular, com apenas 54 anos de idade, 30 anos de contribuição previdenciária (25 dos quais como professor universitário). Assim agi, em parte, por conta da aprovação no Congresso Nacional, em 2003, de um tardio e surpreendente ajuste na reforma previdenciária do setor público (que, aliás, nem me afetaria mais pessoalmente), em versão até mais radical que outras rejeitadas antes. Tudo graças a lideranças, historicamente apoiadas pelo funcionalismo público, que, enfim, assumiram a presidência da república e que, então, tiveram o apoio ideológico de quem já tentara novos ajustes para a previdência e o apoio fisiológico dos cooptados pelo “mensalão”.

Também, aposentei-me para, enquanto gestor estadual convidado por quatro anos (2003/ 2006), por obrigação de convênio, deixar de transferir recursos financeiros do estado da Bahia, mensalmente, para a UFBA cobrir 100% de meu salário de professor titular da ativa e, enfim, por pouco mais de dois anos, passar a receber 100% (antes só recebia 30%) de meu salário devido como gestor estadual. Na verdade, eu estava me aposentando apenas de minhas atividades de gestão universitária.

## Velha escola nova, nova escola velha

Com sete anos de idade, no Natal de 1957 e na Semana Santa de 1958, encantei-me com a nova Escola de Teatro da Universidade (criada em 1956), por seus espetáculos ao ar livre: “O Boi e o burro no caminho de Belém” e “A via sacra”. Depois, com 15 anos, continuei a me encantar com os espetáculos das Escolas de Dança e de Teatro, no Teatro Santo Antonio, desta última, e comecei a fazer teatro no Colégio da Bahia (o “Central”) num grupo bem próximo, em termos estéticos e políticos, do Teatro Vila Velha, fruto de uma disputa com a Escola da Universidade.

De fato, era a mesma escola, na ênfase na formação do ator e de um repertório eclético, que reunia dramaturgia brasileira (inclusive folhetos de cordel), inclusive baiana, aos clássicos históricos e contemporâneos estrangeiros do teatro. O movimento de dissidência, que gerou o Teatro dos Novos (no início dos anos 1960) e o Vila (inaugurado em 1965) e que poderia ser tomado por “traição” (o que chegou a ser), era na verdade a renovação da tradição inaugurada pela “velha” Escola de Teatro da Universidade da Bahia, que ainda nem havia completado 10 anos. Por isso, em 1968, quando entrei como aluno regular na Universidade, busquei a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, onde havia um grupo de teatro ligado ao Vila, traindo o que poderia ser a opção mais óbvia para um jovem interessado no teatro e na universidade, que seria buscar a Escola de Teatro. Mas sua tradição fundada nos anos 1950 se encontrava em pleno vigor naquele momento nessa rede liderada pela escola nova do Vila Velha, mais do que na velha Escola.

Em 1977, já licenciado em filosofia, fui aprovado em novo vestibular, agora sim para a Escola, para seu curso de Direção Teatral, mas, talvez, agindo como traidor, dediquei-me nesse ano a disciplinas da área da dança e, sobretudo, à nova disciplina, que causava furor então, com a liderança de Dulce Aquino. Tratava-se da “Integração Artística”, com quatro professores, de teatro, dança, música artes

plásticas, oferecida num dos temporários velhos barracões da Escola de Teatro.

Nova traição só em 1983, já professor colaborador da UFBA, de “Filosofia da dança”, há seis anos, ao retornar de mestrado em interpretação teatral nos EUA. Tendo a opção entre os Departamentos de Teatro e de Dança (que, desde 1969, quando as escolas autônomas haviam sido extintas, eram um só departamento, de Artes Cênicas), escolhi o de Teatro. Ali eu esperava atuar na minha área de especialização no mestrado e à qual me dedicava há mais de 15 anos, mas o Departamento me destinou a área da indumentária e dos elementos gerais do teatro para alunos de outros cursos da UFBA.

## Nova traição reafirma a jovem tradição

Entre 1994 e 1998, quando criamos<sup>4</sup> um grupo interdisciplinar de pesquisa e extensão, em contemporaneidade, imaginário e teatralidade, o GIPE-CIT, o programa de pós-graduação em artes cênicas, o PPGAC, a associação brasileira de nossa área, a ABRACE e três periódicos (este “Repertório Teatro & Dança”, os “Cadernos do GIPE-CIT” e o “Memória ABRACE”), estávamos buscando aliar teoria e prática (esta considerada historicamente como o destaque da Escola, que já recuperara sua autonomia administrativa, com a extinção da Escola de Música e Artes Cênicas), mas, seguindo na verdade a jovem tradição cinquentenária inaugurada por Eros Martim Gonçalves (o histórico criador da Escola Martim Gonçalves, que, para cada montagem teatral, lançava um número de sua publicação “Repertório”, embrião e inspiração deste periódico). A reação adversa foi enorme, seja na forma de descrença, seja em outras... O PPGAC prosperou, sediando por quatro anos a ABRACE e já há 10 anos ocupando a liderança de excelência por avaliação de seus pares e do governo federal. O

<sup>4</sup> Nós, aqui, é referência ao grupo que coordenei e que está na base da criação do GIPE-CIT, do PPGAC, da ABRACE e de nossos três periódicos.

GIPE-CIT, seu berço, gerou novos grupos...

Em 2012, dei minhas últimas aulas regulares no PPGAC e deixei a coordenação do GIPE-CIT, largando mais o osso, que dá título a este editorial, meu último para “Repertório Teatro & Dança” (cujas razões estão aqui alinhavadas, ressaltando nosso projeto coletivo de excelência, de qualificação de pessoal e de fortalecimento da infra-estrutura, tão ameaçado...). Afinal de contas, já são 15 anos de “Repertório”, tempo suficiente para nossa definitiva apresentação à sociedade. As recentes bem disputadas e qualificadas buscas por posições na Escola e no PPGAC (onde hoje há tanta gente disposta e disponível) me tranquilizam quanto ao futuro da “Repertório”, sem minha contribuição como editor responsável e onde doravante posso até aparecer com colaborador (como no PPGAC, onde em 2013 já não serei professor permanente) ou ex-editor responsável. Agora, muitos colegas, até mais bem afinados que eu com o novo cotidiano universitário e novos instrumentos como, por exemplo, o Portal SEER, SCIELO etc, poderão assumir, trazendo ganhos para todos, esta honríssima responsabilidade.

Já eu, a partir de agora, como já sabem há alguns meses nossos colegas mais próximos, devo concluir minhas orientações de mestrado e doutorado em andamento no PPGAC até 2014 e manter, graças ao CNPq, projeto de pesquisa e de publicações (sem ônus para a UFBA) até, pelo menos, 2016. Mas, sem dúvida novas questões e desejos, nessa área, surgirão daqui até lá. Daí que ainda tenho muito osso para roer. Paciência!

## **Sem traír o que deveria ser apenas um editorial**

Bom proveito para vocês leitores com este número 19, que é dedicado à grande carnavalesca franco-brasileira Annie Sidro e a um esteio central do GIPE-CIT, do PPGAC, da ABRACE e de nossos periódicos, Sérgio Farias.

Aqui, graças à inspiração na busca pela qualidade de Denise Coutinho, à histórica colaboração de Isa Trigo (seus alunos da UNEB desenharam os ícones dos orixás que ilustram nossas rubricas desde 1988, Ogum no Proscênio...), Cleise Mendes, Ciane Fernandes, Catarina Santana, Eliana Rodrigues, Christine Greiner, Renata Pitombo, Cássia Lopes, Suzana Martins, Antonia Pereira e Luiz Cláudio Cajaíba, e, sobretudo, ao empenho de Elie-ne Benício (que nos levou a recuperar a semestralidade, densidade e cosmopolitismo de “Repertório”), neste número 19, reunimos, no “Proscênio”, em “Peça” e em “Bastidores”, trabalhos apresentados no evento internacional que organizamos sobre carnaval. Em “Sala de Ensaios”, apresentamos cinco dos mais de 10 trabalhos que nos chegaram via Portal SEER e breves comunicações a mais um dos eventos internacionais do PPGAC, sobre festivais e, em “Persona”, material inédito sobre Bertolt Brecht. Boa leitura! Longa vida para “Repertório”!

Salvador, Bahia, Brasil, dezembro de 2012

## **Referência**

BONDER, Nilton. *A alma imoral*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.